

PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE TURISMO¹

Camila Luísa Mumbach da Silva²

Susana de Araújo Gastal³

RESUMO

Este artigo tem como tema o ensino do Turismo, com ênfase na análise de proposta didático-pedagógica que coloque o aluno como partícipe ativo do processo de construção do conhecimento. Utilizou-se como método de pesquisa a história oral de vida, para resgatar o olhar do aluno sobre a experiência a qual foi submetido, no Curso de Turismo da PUCRS, no período 2007-2009. Neste sentido são descritos os principais discursos dos entrevistados alinhavando-os ao referencial teórico proposto, que considera a complexidade do Turismo, bem como formas de ensinar que compreendam a importância do educador e do educando e possibilitem a construção de novos saberes. O estudo foi carregado de sentimentos, os discursos mostram que o aprendizado recebido foi além do profissional, mas também social e pessoal, formando assim seres humanos com o compromisso da sustentabilidade.

Palavras-chave: turismo; ensino do Turismo; olhar do aluno; curso de turismo/PUCRS.

¹ O presente artigo recupera parcialmente resultados de uma pesquisa mais ampla, apresentados no trabalho de conclusão de curso “Propostas Pedagógicas do Curso De Bacharelado em Turismo da PUCRS 2007-2009: A percepção dos alunos envolvidos”, defendido na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no segundo semestre de 2010.

² Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Email: camilaluisams@gmail.com

³ Professor, Pesquisador e Orientador do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul e do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do RS.

INTRODUÇÃO

O Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul foi criado em 1971, e durante 40 anos formou centenas de bacharéis que hoje atuam em diferentes pontos do Brasil e do exterior. Estando entre os pioneiros do ensino do Turismo no Brasil, é importante compreender as práticas pedagógicas ali utilizadas para a ensinagem, uma vez que na década de 2000 a sua organização curricular se deu a partir do entendimento da complexidade e interdisciplinaridade presentes nessa área de conhecimento. A pesquisa realizada, partindo do pressuposto que considera o Turismo como área de conhecimento, centrou-se na experiência didático-pedagógica realizada no período de 2007 a 2009, caracterizada por considerar a centralidade do aluno como sujeito no processo de ensino-aprendizagem. As práticas didático-pedagógicas se deram a partir da interdisciplinaridade dos projetos desenvolvidos dentro das disciplinas, semestralmente e por nível, tendo a sustentabilidade como tema transversal.

O estudo monográfico utilizou como método a história oral de vida, tendo como técnica a entrevista em profundidade. Foram ouvidos dois sujeitos, envolvidos no processo como alunos. Como critérios para seleção, os mesmos deveriam ter cursado os sete semestre do Curso de Turismo sem interrupções, ou seja, alunos que ingressaram em 2007 e colocaram grau no primeiro semestre de 2010.

Os objetivos propostos à investigação foram os de resgatar as práticas pedagógicas propostas no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Turismo no período de 2007-2010 e de avaliar como os mesmos foram percebidos pelos alunos a partir de suas histórias de vida. Buscou-se, ainda, verificar o olhar que os pesquisados tinham sobre o Turismo ao ingressar no curso e o que passaram a considerar, depois de formados e tendo vivido o processo de aprendizado.

TURISMO: ENSINAR E APRENDER

O Turismo, em seu processo de acúmulo teórico e metodológico, superou a visão puramente economicista e passou a envolver outros olhares, no sentido de uma visão holística que contemplasse uma maior compreensão do fenômeno, na sua complexidade e multidisciplinaridade. Segundo Gastal (2004), no turismo, a exemplo de outras áreas de saber, há polêmicas - "reservas de mercado" acadêmico, levando a que ora o turismo tenha sido associado à Comunicação, ora à Geografia, ora à Administração, ora à Antropologia, em muito devido à complexidade inerente ao tema. Utilizando das palavras da pesquisadora:

O turismo é um fenômeno que se organiza de fato no século XX, quando os deslocamentos são organizados maciçamente na forma de produtos colocados no mercado como produtos a ser comercializados. Esta etapa será, primeiro, registrada por cronistas, autores cujos textos atendem a um

imaginário romântico que coloca o turismo como sinônimo de prazer e liberdade, responsável pela fraternidade e a paz entre os povos; e por estatísticos, pesquisadores a serviço do trade e seus órgãos de classe, alinhando-se a um imaginário que vê o turismo como indústria com a possibilidade de promover a distribuição de riqueza e carrear fundos para localidades desprivilegiadas por outros aportes econômicos, bastando para isso apenas um “marketing” eficiente. A teorização para além do marketing de localidades – quantificados – será disseminada nos anos de 1990, quando vários núcleos universitários passam a olhar o fenômeno nas suas implicações também socioculturais e, como tal, objeto de reflexão acadêmica e pesquisa qualitativa. (GASTAL, 2004, p. 134).

Beni (2006) salienta três tendências nas definições presentes na literatura especializada: a econômica, a técnica e a holística, esta última permitindo que ele defina o turismo como:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de

expansão de negócios [...] (BENI, 2006, p.37).

Outras reflexões abordam o fenômeno na sua epistemologia, entre eles Moesch (2002), que parte da dialética para realizar a desconstrução / construção do saber turístico. Moesch liga o Turismo, enquanto fenômeno de mercado, aos avanços do capitalismo, mas destaca que, sob a modernidade, o direito à viagem passaria a estar entre aqueles que deveriam ser garantidos aos sujeitos, confirmando-o, portanto, como um fenômeno social pleno. Na mesma linha de pensamento, a teórica considera os conceitos de turismo propostos ao longo do tempo como reducionistas, por não respeitarem sua complexidade e a interdisciplinaridade. Para tanto, e retomando Beni (2006), a visão holística apresentaria, talvez, a forma mais adequada da apreensão do objeto turístico.

Tal maneira de pensar teoricamente o Turismo é de certa maneira recente, o que influi na sua construção como campo científico, mas também a torna uma tarefa necessária e urgente, segundo Gastal (2004), abarcando uma realidade não apenas brasileira, mas também internacional. Construir e reproduzir esse saber são tarefas eminentemente acadêmicas, não restritas aos estudos avançados da pós-graduação, *strito sensu*, mas devem se colocar como prática a envolver já a graduação. Freire (1996) defende que ensinar exige pesquisa, tanto para conhecer o que ainda não se conhece, como para

comunicar ou anunciar novidades, através de uma *curiosidade epistemológica*⁴, reafirmando ou construindo novos saberes. Da mesma maneira Edgar Morin, outro eminentes educador, define que as práticas necessárias para que o processo inovador de ensino-aprendizagem, que tenha a pesquisa como pressuposto. Mas o que ensinar e o que aprender? Para Morin (2001), haveria quatro pilares⁵ fundamentais a educação contemporânea: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer, que num sentido amplo indicam que a educação só é viável se for uma educação integral do ser humano. (WERTHEIN, 2001). Para Freire (1996), por sua vez, o ensinar não se resume a transmitir conhecimento, pois exige que “o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (p.22). Ainda segundo Freire, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende

ensina ao aprender” (1996, p.23), ou seja, “não há docência sem discência” (*idem*). Seguindo o raciocínio de Freire (1996), percebe-se que o aprender precede ao ensinar, revelando a essência do ensinar como um processo amplo e participativo de todos os envolvidos. Ou seja, não se ensina nem se aprende sem a contribuição, a curiosidade e a criticidade de ambos os lados: do educador e o do educando.

Importante ressaltar que nas constatações de Freire (1996) “o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, em relação a aprender, é processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente” (p. 24), se pode avaliar este processo como sendo construtor do pensamento criador e crítico do sujeito, pois, “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (FREIRE, 1996, p. 24)

A aproximação da curiosidade epistemológica, dita por Freire, às questões propostas por Morin (2001) relata que “a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão” (p. 19). Ou seja, a curiosidade epistemológica vem acompanhada da criticidade, pois:

⁴Para Freire (1996), “curiosidade epistemológica” é o que ele vêem chamando de pensar certo, em termos críticos, sendo uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo à curiosidade que, tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para a curiosidade epistemológica.

⁵Estes pilares indispensáveis para aprendizagem contemporânea foram apresentados em um relatório coordenado por Jacques Delors denominado “Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação do Século XXI”, editado em 1998.

O desenvolvimento do conhecimento científico é poderoso meio de detecção dos erros e de luta contra as ilusões. Entretanto, os paradigmas que controlam a ciência podem desenvolver ilusões, e nenhuma teoria científica está imune para sempre contra o erro. Além disso, o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos (MORIN, 2001, p. 21).

Outra questão importante nesta linha de pensamento é considerar que o ensinar supõe docência e discência, ou seja, uma construção conjunta de saberes em que haja respeito aos saberes de ambas as partes. Portanto, discutir com os alunos a razão de ser de seus saberes em relação ao ensino do conteúdo é de grande valia ao processo de aprendizagem. Nas palavras de Freire (1996): “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que lhes têm como indivíduos?” (p. 30)

A “realidade concreta” e a experiência social dos sujeitos contemporâneos, numa educação com vistas ao futuro, “deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos onde quer

que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano” (MORIN, 2001, p. 47). Neste sentido, é necessário reavaliar as práticas pedagógicas, para que elas sirvam para um ensinamento mais humanizado, pois “educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE 1996, p.98) e deve contribuir para o cuidado com o mundo.

Entendendo a educação como um processo humanizador e de intervenção na sociedade contemporânea, se faz necessário reconhecer as práticas educativo-progressistas que propiciem “condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora, ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 1996, p.41). Tal entendimento do se assumir como ser social e histórico também é referido por Morin (2001), para quem a educação é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, afirmando que o processo de se assumir enquanto ser social deve acontecer a partir das novas idéias.

Entre as tarefas de responsabilidade do educador – parte “das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo, como seres históricos” (FREIRE, 1996, p.28) - estão o papel de questionar, avaliar e cobrar o

educando. O educador deve indagar o educando e, nesses termos, outra prática essencial é a pesquisa, pois conforme Freire (1996), não há ensino sem pesquisa ou pesquisa sem ensino. A partir disso fica evidente que a pesquisa torna-se uma troca entre educador e educando. Nas palavras de Freire (1996, p.29): “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

Para transmitir conhecimento se deve pensar certo, agir coerente, utilizar o bom senso, e acima de tudo ser ético, pois a prática educativa deve ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza, conforme Freire (1996, p.33). Neste sentido, transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. A idéia ou teoria não deve ser instrumentalizada. Uma teoria deve ajudar e orientar estratégias cognitivas que são dirigidas por sujeitos humanos (MORIN, 2001, p.29), ou seja, este é o papel primordial do ensinar: contribuir para a formação do sujeito, mas não impor a ele idéias únicas, alimentando indagações, incertezas e construções de novos saberes.

A TEORIA NAS SUAS PRÁTICAS

O Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da PUCRS, que colocou em

prática os princípios do ensino a partir da pesquisa, tendo o educando como partícipe e co-responsável pelo seu processo de aprendizado, esteve em vigor entre 2007-2009. Conforme objetivo proposto, a investigação aqui relatada resgatou e analisou o olhar discente, a partir de entrevista aberta e em profundidade com dois partícipes do processo, seguindo para tal o proposto pela História Oral, para as Histórias de Vida. Procurou-se registrar não só a participação no processo em si, mas no que ele influenciou na percepção do aluno sobre o turismo; para tal, iniciou questionando sobre a concepção de Turismo do aprendente ao iniciar o curso e a mesma ao seu final.

Os depoimentos registraram que, já ao ingressar no Curso, os sujeitos aprendentes se depararam com uma prática pedagógica na qual foram desafiados a pensar o que seria o Turismo, no sentido colocado por Freire (1999) como “quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta, diga, fale, responda.”(p. 117). Um dos entrevistados (E1) afirmou que para ele, ao chegar à Universidade, a atividade estava associada ao econômico, mas que logo perceberia que seu saber expressara apenas o senso comum. Em suas palavras: “*As pessoas pensam e eu pensava ao entrar no curso que a gente tinha que saber sobre destinos turísticos, mas esta é um tipo de informação que muda muito*”. E1 ainda relata que “*o curso acaba por desmistificar aquilo que a gente tem de concepção de turismo e turista*”.

O segundo entrevistado (E2), sobre o mesmo questionamento, relembra que uma das primeiras perguntas que lhe fora dirigida, fora justo essa. Para ele Turismo era, então, viajar, conhecer novos lugares:

[...] voltei a botar descobertas também, descobrir novos lugares, só que esse descobrir eu coloquei entre aspas, me lembro muito bem disso aí, coloquei entre aspas, não é só tu conhecer os novos lugares, isso até depois acho que estava subtendido naquele descobrir, que o descobrir é tu saber como as pessoas do lugar vivem, saber muito mais do que aquilo que simplesmente tá na tua visão, na tua primeira vista, é tu ver o modo de viver das pessoas, tu descobrir o porque que aquilo tá ali, e isso foi uma das coisas mais interessantes (E2).

E2 também relatou que o curso de Turismo lhe possibilitou uma visão diferenciada, e isso teria sido o enfoque que mais chamou sua atenção no curso, pois *“tu passas a ter uma visão diferente do que está ao teu redor. Aí eu fui descobrir o que era minha descoberta, que eu tava procurando naquele momento.”*

Os dois entrevistados, mesmo aquele que de início já tinha uma preocupação social mais aprofundada, afirmaram que houve mudança na sua concepção de Turismo, ao longo do curso. Outro questionamento inquiria sobre quais as disciplinas e atividades teriam sido mais marcantes. A pergunta levou a que os entrevistados relembassem de alguns episódios e momentos vividos no Curso. Para E1 a disciplina

mais marcante foi a de Planejamento e Organização do Turismo, cursada no segundo semestre, pela forma como foi desenvolvida. Para ele, de uma forma bastante inovadora, pois a prática proposta permitiu que refletissem a partir de uma realidade. Além disso, muito mais do que centrar-se em teorias de planejamento, ela possibilitou *“um olhar sobre um local, sobre as potencialidades, as limitações de um local, acho que isso que foi uma das grandes contribuições que esta disciplina me deu.”* (E1) Já o relato de E2 destaca a disciplina de História da Arte e o Turismo, cursada no primeiro semestre. Para ele a disciplina destacou-se pela maneira como o professor a conduzia, porque *“localizava na história e trazia para o atual, então foi através dele que nós aprendemos a ter uma outra visão de Porto Alegre”*. Relembrou a disciplina de Fotografia e Imagem no Turismo, que em seu entender deveria ser desenvolvida com maior carga horária. Portanto, ambas as disciplinas relatadas chamaram atenção de E2 tanto para o lado positivo quanto para o negativo.

Muitos foram os projetos citados. Para E1, no Projeto de Inventariação da Oferta Turística (INVITUR), *“nós podíamos de fato exercitar o nosso olhar, muito mais que colocar os conhecimentos em prática [...]”*. Trata-se do Projeto Piloto de Inventariação da Oferta Turística, desenvolvido via convênio entre o Ministério do Turismo e a PUCRS, que tinha como um de seus objetivos utilizar a expertise acadêmica para qualificar a oferta turística no Brasil. O projeto-piloto disponibilizou 36

bolsas de pesquisa aos alunos de Turismo e Hotelaria da instituição conveniada, possibilitando a experiência de pesquisa na metodologia turística, bem como exercitar um olhar profissional sobre a oferta turística. O E2 citou o mesmo Projeto-Piloto, pois assim como E1 foi bolsista. Além deste, E2 lembrou do Projeto de Sinalização Turística para a Rota das Especiarias, “*um projeto grande [...] nós sempre mantivemos a base do mesmo grupo, desde o primeiro semestre, isso foi interessante, foi muito legal, porque nós começamos a entender o modo de cada um trabalhar*”.

O projeto Rota das Especiarias fez parte das propostas pedagógicas do Curso de Bacharelado em Turismo da PUCRS, desde 2006. Era parte de um projeto maior, denominado Desenvolvimento Sustentável da Cidade de Viamão, que começou a ser construído durante 1ª Conferência de Turismo da cidade, também essa atividade construída pelos docentes do Curso de Turismo, assessorando o poder público local. Nos anos de 2007 e 2008 tomou magnitude, envolvendo os alunos dos primeiros semestre até os últimos dos cursos de Turismo e Hotelaria, em um processo de inventariação das propriedades de Viamão, e projeto que propunham melhorar a atratividade do local, assim como este citado pelo o E2.

Os informantes relembram as saídas de campo, os projetos propostos como avaliação das disciplinas, as análises e ensaios produzidos:

Bom, por incrível que possa parecer [...] os momentos mais marcantes

são as saídas de campo, dos eventos que nós fazíamos internamente ao curso, dos eventos que participei fora [...]. E os momentos também em que nós fazíamos ensaios, que nós enfim, nos trabalhos que nós tínhamos que nos exercitar escrever os nossos textos, as nossas análises. Acho que isso foi dos momentos mais importantes. E os momentos também de elaboração de projetos como um todo. Projetos nas mais diversas áreas, desde marketing e planejamento, entre outros (E1).

O E2 relata sobre o evento, que seu grupo de trabalho construiu, um projeto construído e aplicado na disciplina de Organização de Eventos II, no sexto semestre. Esta disciplina tinha a proposta de conduzir a teoria com a prática de forma que os alunos aplicassem seus projetos. O Grupo do E2 organizou a Semana do Turismo do ano de 2009, que contou com a presença de personalidades do Turismo como professor Mario Carlos Beni, Marília Ansarah, além de dirigentes do Ministério do Turismo.

[...] aquilo foi um dos momentos mais bonitos pra mim no curso, momento de realização [...], de tu ver tudo aquilo que tu fez até então, que a gente tava apresentando o curso [...] para as pessoas que estavam, vindo de fora, tinham varias pessoas de fora da PUC assistindo [...] nós escolhemos palestrantes, os temas, enfim da apresentação em si, aquilo pra mim foi um dos momentos de mais felicidade pra mim (E2).

No momento seguinte das entrevistas buscou-se reconhecer se os aprendentes reconheciam os princípios filosóficos – pedagógicos nas práticas pedagógicas que o Curso traçou durante o período em que o cursaram. E1 afirma em seus relatos a importância que os conhecimentos empíricos de cada sujeito: “[...] nós tivemos que escrever, o que entendíamos por Turismo, então acho que essa prática, ela já demonstra, uma concepção inicial de que nunca nós iniciamos do zero”. Este entendimento esta de encontro com o que Freire(1999), quando fala que ensinar exige respeito aos saberes do educando, discutir com eles a razão de ser dos seus saberes, entender e respeitar que a sujeito aprendente carrega consigo conhecimentos que devem ser valorizados.

Seguindo com esta citação de Freire, percebe-se nos discursos do E1, este momento novamente, deixando claro que ele percebia este respeito em relação do conhecimento empírico que trouxe para a universidade:

Bom, se eu tenho um copo, e este copo é todo o conhecimento que posso adquirir sobre alguma coisa este copo, eu nunca inicio ele totalmente vazio, eu já tenho algumas informações que trago comigo, das minhas vivencias, do conhecimento empírico que eu venho adquirindo eu acho que esta é uma das concepções que vinham implícitas nas práticas de ensino. A concepção de que eu não podia rejeitar este conhecimento empírico que vinha sendo adquirido enquanto sujeito ao longo dos anos, que eu

deveria dialogar com uma construção teórica e não simplesmente impor conceitos definições e que sim, o sujeito ele pode, ele pode dialogar com o mundo, dialogar com o conhecimento construído sobre alguma coisa (E1).

A questão da interdisciplinaridade, que era uma prática muito forte dentro das propostas pedagógicas do Curso de Bacharelado em Turismo da PUCRS no período que aqui é referenciado, aparece no discurso dos informantes. Esta proposta era desenvolvida através dos Projetos Interdisciplinares por níveis, ultrapassando as fronteiras de cada disciplina. Os alunos eram envolvidos a um objeto-problema de estudo que dialogava com todas as disciplinas do nível que estavam, possibilitando que o sujeito aprendente tivesse um olhar diferenciado da realidade. Os Projetos Interdisciplinares são essências para a apreensão do complexo fenômeno turístico, visto que ele não pode ser entendido individualmente, ou através de uma única disciplina. O E1 relata esta proposta pedagógica da seguinte forma, “uma ciência é muito pouco para você explicar um fenômeno um objeto, e o turismo mais ainda pela suas características mais peculiares, é preciso da apreensão de várias ciências”. No seu entendimento, era desta forma que eram impelidos a pensar dentro das propostas do curso.

O E2 em seu discurso vai um pouco além das informações pedagógicas do Curso, e revela o que Freire

(1999) apresenta em seus estudos que ensinar exige muitas práticas e todas elas reafirmam que no processo de ensino-aprendizagem existem sujeitos, estes sujeitos devem ter igual importância neste processo. Com todo este entendimento que o E2, relata que no início do primeiro semestre do Curso, estavam havendo alguns problemas entre os alunos e professores, foi quando um professor teve de tomar uma atitude, nas palavras do entrevistado:

(...) ele disse que ele ia mudar de repente a metodologia de ensino dele, ele passou, acredito que não só ele mas os outros professores, acredito que eles tiveram reuniões, eles passaram a valorizar muito mais a pessoa, eles fizeram com que nós alunos víssemos não o professor que tava ali na frente, mas a pessoa que tava ali na frente e passássemos a desenvolver esse sentimento de pessoa-pessoa não professor-aluno (E2).

Neste relato é possível perceber a importância que as práticas sugeridas por Freire e Morin no resgate teórico deste artigo devem se fazer presente no processo de ensino-aprendizagem. E de alguma forma elas fizeram parte dos ensinamentos que os informantes desta investigação tiveram em sua graduação em Bacharelado em Turismo da PUCRS, percebe-se isso quando são questionados da importância que as práticas tiveram para a formação enquanto sujeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta investigação são carregadas de sentimento, pois as falas dos informantes possibilitaram um conhecimento mais humano das práticas de ensino-aprendizagem propostas pelos professores e alunos do Curso de Turismo da PUCRS no período de 2007-2009. Os caminhos percorridos durante a investigação foram de aprendizado. Foi possível compreender a importância do ato de ensinar. O referencial teórico possibilitou um novo olhar sobre o conceito do ensinar, compreendendo a amplitude do ato, pois ensinar, não é meramente transferir conhecimento. O ato de ensinar deve proporcionar aos sujeitos aprendizes questionamentos que resultem na construção de novos saberes, a partir da realidade vivida.

Muitas foram as práticas pedagógicas percebidas pelos informantes, saídas de campo, projetos, trabalhos em grupo, a forma como as disciplinas eram conduzidas, construções teóricas como artigos, ensaios e resenhas surgiram nas falas dos entrevistados. Os discursos de cada informante sobre as práticas percebidas foram construídos a partir de suas vivências anteriores e isso ficou claro na análise feita. Importante ressaltar que as práticas pedagógicas que os informantes perceberam ao longo da graduação não interferiram somente no processo de aprendizagem acadêmica, mas também para o crescimento pessoal de ambos. Em alguns momentos de suas falas dizem que a partir do processo de ensino que estiveram inseridos tornaram-se pessoas melhores,

preocupadas com os outros, e não apenas consigo. Desta forma, destaca-se a importância da construção do conhecimento coletivo, possibilitando a formação do profissional capaz de realizar sínteses, entre a sociedade e o mercado, contribuindo com a sustentabilidade da atividade turística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENI, Mário Carlos Beni. **Análise estrutural do turismo**. 4 ed. São Paulo: SENAC, 2001.

_____. Um outro turismo é possível? – a recriação de uma nova ética. In: GASTAL, Suzana e MOESCH, Marutschka Martini (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 35ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GASTAL, Susana. Da teoria à prática: pensando o turismo. In: _____ e MOESCH,

Marutschka Martini (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOESCH. Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. O fazer-saber turístico: possibilidades de superação e limites. In: GASTAL, Suzana(org).

Turismo: 9 propostas para um saber fazer. Porto Alegre: Edipucrs, 2000. (Coleção Comunicação)

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed tradução de Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.